

Mênfis, a cidade “que desapareceu”

Maria Helena Trindade Lopes

Mênfis, a cidade que, segundo os mitos e as lendas clássicas, teria sido fundada pelo primeiro rei do Egito, cerca de 3100 a.C. (SNAPE, 2014, p. 171), é reconhecida como a mais antiga e a maior das principais capitais dinásticas do Egito Faraônico.



Fig. 1 – Mapa do Egito

A sua situação geográfica particular, na fronteira entre o Norte (Baixo Egito) e o Sul (Alto Egito), garantiu-lhe o epíteto de “Balança dos Dois Países”(Mekhat Tau) mas as suas designações mais conhecidas são aquelas que a referem como o 1º Nomo – província - do Baixo Egito, como a cidade – capital ou ainda como a extensa necrópole real. “Os primeiros túmulos do Período Dinástico e as pirâmides do Império Antigo são geralmente referidos como a ‘Necrópole Menfita’. A necrópole menfita estende-se ao longo de 80 km desde a pirâmide mais setentrional em Abu Rowash até à pirâmide mais a sul, em Meidum "(LOVE, 2003, p. 71, tradução nossa). De resto, o termo Mênfis é a palavra grega derivada da construção hieroglífica *Mn-Nfr*, que significa “Duradoura e Bela”, designação atribuída à pirâmide do rei Pepi I, da VI dinastia (2287 a.C. - 2187 a.C.). (LOVE, 2003, p. 71; SMITH, JEFREYS, 1986, p. 88).

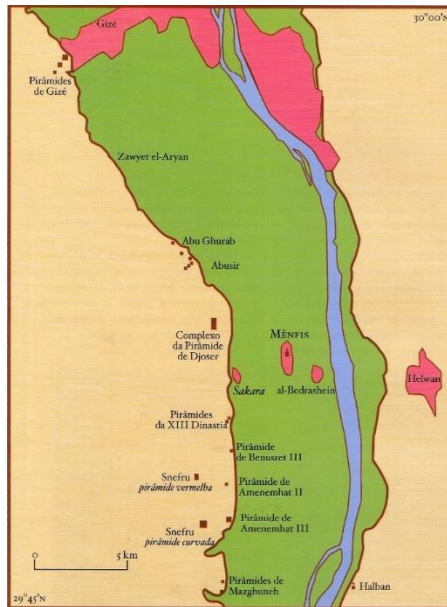


Fig. 2. - Mapa com a localização de Mênfis e a sua relação geográfica com a necrópole de Sakara.

Fonte: LOPES, *Mênfis, o rosto de Apriés*, p. 20

Ora a oriente de uma destas necrópoles, a de Sakara, localizava-se exactamente a capital, Mênfis (KEMP, 1989, p. 36; VERNER, 2002, p. 62), também conhecida como o Muro Branco (*Ineb hedj*), possivelmente a mais antiga denominação usada pelos egípcios para esta área mais tarde referida como a capital¹. Hoje, esta região é conhecida pelo nome árabe de Mit - Rahina e revela-se através das ruínas dos monumentos que se conservam *in situ*. Mas o mesmo vocábulo - Mênfis - que designa o nomo, a capital e a necrópole é ainda, frequentemente, utilizado para referir o templo de Ptah, em Mit-Rahina, “que era considerado o centro da cidade, o coração do espaço social, religioso e económico” (LOVE, 2003, p. 71, tradução nossa). Ou seja quando falamos de Mênfis falamos, afinal, de várias realidades distintas, ainda que complementares.

As primeiras informações que nos chegaram sobre a importância e a extensão desta cidade foram-nos fornecidos pelos autores clássicos, historiadores como Heródoto e geógrafos como Estrabão e Diodoro de Sicília² descrevem-nos um sítio que, na sua última fase, parece corresponder ao actual campo de ruínas de Mit-Rahina. Mas nenhum deles refere jamais Mênfis como a capital. Mais tarde, encontramos ainda algumas referências na literatura árabe medieval - Abd el - Latif, el - Qalqashandi e el - Maqrizi (JEFFREYS, 1985, p. 11) - e em relatos de viajantes - William de Tiro, Benjamin de Tudela e Joos van Ghistele (JEFFREYS, 1985, pp. 11-12), mas a imprecisão do verdadeiro significado do termo mantem-se. Depois perdeu-se a “identidade” da cidade que só foi restabelecida em 1585 por François de Pavie (JEFFREYS, 1985, p. 12). A partir desse momento, a localização de Mênfis transformou-se numa questão importante de debate académico, mas os primeiros mapas detalhados da área só aparecem na 2^a metade do século XVIII, após a expedição de Napoleão. Curiosamente, V. Denon, um dos 167

¹ Cf. Edwards (1971, p. 1-17). Mantem-se em aberto a discussão sobre a existência ou localização desta “White Halls”, dado que não existe nenhuma evidência arqueológica da sua localização. Vd. Málek (1997, p. 90-101).

² Ver Jeffreys (1985, p. 6 e 11) e ainda Love (2003, p. 72- 74).

eruditos que acompanhou o Imperador nesta expedição, ao referir-se a Mênfis, nos seus escritos, refere que as fronteiras norte e sul da antiga cidade eram delimitadas por dois complexos de pirâmides: Giza, no Norte, e Sakara, no Sul (LOVE, 2003, p. 74).

Este conceito, da ligação da cidade com os complexos piramidais – Giza e/ou Sakara - encontrou eco em outros viajantes e estudiosos. Mas vão ser exactamente os membros da expedição científica de Napoleão ao Egipto, que irão associar a antiga capital, Mênfis, com o campo de ruínas de Mit-Rahina. E uma das razões que explica esta associação prendeu-se naturalmente com a densidade dos vestígios arqueológicos ali encontrados (LOVE, 2003, pp. 75-76).

O debate sobre a efetiva extensão da cidade manteve-se, no entanto, ainda durante bastante tempo. W. F. Petrie que, entre 1909 e 1913, dirigiu seis temporadas de escavações na área, calculou, na altura, que a cidade de Mênfis teria aproximadamente 13Km, de norte para sul, e 6,5Km, de este para oeste, incluindo zonas de subúrbios e jardins (JEFFREYS, 1985, pp. 6-7). O seu mapa do sítio, baseado ainda naquele que Karl R. Lepsius³ apresentara, após a escavação realizada em 1843, em Kôm Rabi'a (JEFFREYS, 1985, p. 13) tornou-se, durante anos, na base da investigação posterior. Um novo mapa só veio a ser produzido no final da década de cinquenta por Rudolf Anthes⁴ que, entre 1955 e 1956, realizou uma nova expedição a Mênfis, patrocinada pela Universidade da Pensilvânia (JEFFREYS, 1985, p. 16).

Quase um século depois, D. Jeffreys que, desde 1985, tem dirigido juntamente com L. Giddy, o Projecto de “Survey” de Mênfis”, patrocinado pela Egypt Exploration Society, veio afirmar que, no período mais importante, “Mênfis fora uma grande metrópole que se estendia por, pelo menos, 10 Km de Norte para Sul” (JEFFREYS, 2000, p. 24, tradução nossa). E o trabalho recente

³ O primeiro relatório sistemático do “campo de ruínas” foi apresentado por Karl R. Lepsius.

⁴ Ver Anthes, R. et al (1965; 1959).

de prospecção desenvolvido na zona parecia, efectivamente, demonstrar que Mênfis era mais extensa do que inicialmente se pensara (LOVE, 2003, pp. 76-79).

Mas então como é que uma cidade que fora capital durante mais de mil anos (de 3100-2100 a.C.) parecia ter deixado tão poucos vestígios?

O mapa que David Jeffreys nos forneceu, em 1985, sobre os vestígios do Império Antigo, que se conservaram na área de Mit-Rahina e de Sakara, surpreende pela escassez de achados (LOVE, 2003, p. 77).

O que poderia então ter acontecido? Como é que esta cidade desaparecera da história?

Vejamos se conseguimos encontrar algumas respostas...

Como alertam David Jeffreys e Serena Love, recordando os trabalhos de topografia de Butzer e de Hassan⁵, “ a taxa de acumulação de sedimentos no fundo do vale da região de Mênfis é estimado em um metro por milénio [...] Ora isto colocaria qualquer assentamento do 2º milénio a. C. alguns metros abaixo da superfície actual” (LOVE, 2003, p. 77, tradução nossa). Deste modo, e continuando a seguir Jeffreys, “o nível do solo do Império Antigo estará quatro metros abaixo da superfície na zona oeste de Mit Rahina” (JEFFREYS, 1997, pp. 2, tradução nossa). Podemos, então, concluir que a antiga Mênfis, a importante capital do Império Antigo, estará soterrada sob as areias do deserto, sepultada sob construções modernas e, por essa razão, não é reconhecível nem pode ser descoberta a olho nu.

⁵ Ver Butzer (1976); Hassan, (1993, 551-569).

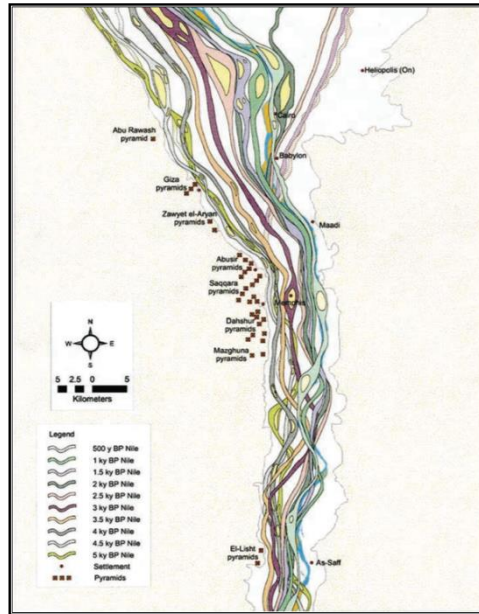


Fig. 3 - Modelo informático do movimento Nilo ao longo dos últimos 5000 anos.
Fonte: K. Tutley, University of Cambridge, Earth Sciences Department In Jeffreys.
 “The Survey of Memphis, capital of ancient Egypt: recent developments”
Archaeology International (2008) 11: 42, DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/ai.1112>.

Outro elemento que interferiu, também, na recuperação dos vestígios arqueológicos nesta zona foi, naturalmente, a mudança do curso do Nilo (JEFFREYS, 2008, pp. 6-7). Este foi-se progressivamente afastando para Este, ao longo dos séculos, provocando uma natural erosão dos vestígios mais antigos existentes no sítio (LOVE, 2003, p. 78). Não podemos esquecer que a antiga Mênfis ficava junto ao Nilo...

Finalmente, a última justificação para este estranho fenómeno de desaparecimento de vestígios da antiga cidade relaciona-se com a actividade dos *sebakh*-diggers que, desde que se fixaram naquela zona, têm vindo a roubar adobe dos monumentos menfitas para usar como fertilizante na agricultura (LOPES, 2010, p. 25; KEMP, 1976, p. 27). Claro que as ocupações e construções de períodos mais tardios, por exemplo, a forte presença na Época Baixa, com a

dinastia Saíta, que restituiu a Mênfis o estatuto de residência real, pode também ter destruído vestígios mais antigos ali existentes, como sugere L. Giddy (GIDDY, JEFFREYS, MALEK, 1990, p. 13). Mas o homem que melhor conhece Mênfis e o seu povoamento – D. Jeffreys – produziu em 1994 um novo mapa dos vestígios menfitas, graças a uma técnica alternativa – chamada “drill cores”⁶ – que permite realizar sondagens em profundidade no solo. E este mapa⁷ veio permitir-nos visualizar um outro nível de povoamento, muito mais intenso, nas primeiras dinastias e no Império Antigo, na área de Mit-Rahina e seus arredores (LOVE, 2003, p. 78)

Assim sendo, volto a colocar a questão: quando falamos da antiga capital de Mênfis, de que falamos exactamente?

Acho que hoje podemos dizer que falamos de uma região que não se confina à actual Mit-Rahina, mas que estende de Abu Rowash a Giza, Abusir, Sakara e Dahshur (LEHNER, 1997, pp. 7 e 15).

Como sugere Serena Love “Talvez agora Mênfis possa ser considerada como um centro urbano dinâmico. É possível que a cidade de Mênfis do Império Antigo não esteja confinada a uma pequena área nuclear de povoamento, mas que se tenha estendido a toda a região Menfita” (LOVE, 2003, p. 81).

O grande dinamismo económico que a cidade terá desenvolvido à volta dos templos⁸ e das necrópoles - Abu Rowash, Giza, Abusir, Sakara e Dahshur – e a sua situação geográfica privilegiada, que lhe permitia controlar o Delta e a confluência das rotas do Deserto, do Levante e do Mar Vermelho para o Saara (JEFFREYS, GIDDY, 1991, p. 5) tornaram-na numa óbvia capital. Uma capital que se consagrou ainda como um dos maiores centros religiosos do país - com o seu deus tutelar, Ptah, o deus criador que concebera o mundo no seu coração e o realizara pela força da sua

⁶ Ver resultados da utilização da técnica em Abu Rowash, Giza, Abusir, Saqqara and Dahshur in Love (2003, p. 79-81).

⁷ Cf. Jeffreys, D.; Tavares, A. (1994, p. 143-173).

⁸ A este propósito ver Malek (1997, p. 90-101).

palavra - e um grande centro de cultura, de arte e de actividades intelectuais do Egípto faraónico. Nas suas bibliotecas e ateliers, conservaram-se ou transmitiram-se os manuais, os tratados, os cânones e o saber relativos aos monumentos sacralizados. E mesmo quando Mênfis perdeu o estatuto de capital em favor de outras cidades provinciais nos Impérios Médio⁹ e Novo¹⁰, manteve sempre uma posição de destaque ao longo da história faraónica, consagrando-se como o maior centro populacional do Egípto (SNAPE, 2014, p.170), inclusivamente quando Tebas¹¹, Per-Ramsés ou Amarna foram capitais. Por exemplo, durante o Império Novo, Mênfis foi uma metrópole muito cosmopolita, um grande centro do comércio internacional e uma base militar fundamental para o Império com o seu porto de Peru-Nefer¹².

O seu estatuto de cidade da tradição, onde os primeiros reis teriam cumprido o rito da “elevação do pilar-djed” (KEES, 1977, p. 150) que assegurava um reinado estável ao faraó, induziu ainda vários reis, ao longo da história, a festejarem em Mênfis o seu jubileu real (heb-sed) e a construírem aqui os seus templos funerários (KITCHEN, 1982, p. 162), porque a “charneira entre o Norte e o Sul” era o lugar de legitimação ideológica, por excelência, do território egípcio.

Na Época Baixa, Mênfis volta a ser a principal metrópole do país e uma importante residência local (LECLÈRE, 2008, pp. 61-72). Durante o período Saíta, que corresponde à XXVI dinastia¹³, e cobre aproximadamente um século e meio de história egípcia entre duas invasões do Oriente - a dos Assírios na 1ª parte do século VII a.C. e

⁹ Para a localização de Mênfis no Império Médio, ver . Snape (2014, p. 173) e ainda Leclère, F. *Les villes de Basse Égypte au 1er millénaire av. J. - C.* Cairo: IFAO, 2008, pp. 40-41.

¹⁰ Para comprovar a relevância de Mênfis no Império Novo, ver. Martin (2000, p. 99-120); Leclère, F.(2008, p. 41 - 55) e o mais recente trabalho de Pasquali (2011).

¹¹ Ver Detlef (2003).

¹² A ideia de que “Perunefer” era o porto da cidade de Mênfis está hoje praticamente aceite entre os investigadores. Cf. Snape (2014, p. 173) e ainda Jeffreys (2006, p.36-37).

¹³ Sobre este período, ver. Spalinger (1977, p. 221-244).

a dos Persas em 526 a.C. - a cidade recupera o seu antigo fulgor e como afirma David Jeffreys torna-se uma capital cosmopolita, enriquecida com várias comunidades estrangeiras¹⁴ e um porto internacional (JEFFREYS, 2008, p. 44). E “quando Alexandre, o Grande, conquistou o Egito em 332 a. C. foi a partir de Mênfis que o país foi governado” (THOMPSON, 2012, p. 2). No entanto, no período ptolemaico, apesar de os reis ainda serem aí coroados (JEFFREYS, 1999, p. 488), a cidade¹⁵ começa a perder importância em favor de Alexandria, que se transforma na grande metrópole e no mais importante porto comercial do Egito.

Na Época Romana acentua-se a decadência de Mênfis devido à construção da fortaleza de Babilónia (JEFFREYS; GIDDY, 1991, p. 5) que ficava na margem oriental do Nilo, numa zona estratégica que permitia controlar todo o tráfego do rio, e que actualmente corresponde ao Cairo copta.

E, finalmente, durante a Idade Média, os monumentos menfitas são sistematicamente desmantelados ou destruídos e as suas pedras são utilizadas para construir algumas igrejas e mesquitas do Cairo. A proximidade com a nova capital determinou a destruição desmedida da antiga metrópole.

Hoje, Mênfis é um vasto campo de ruínas, mas a “cidade que desapareceu” – soterrada pelas modernas construções e pilhada pelos *sebakhim* ou por aqueles que desmantelaram os monumentos menfitas - continua viva e a interpelar a história...

Referências

ANTHES, R. et al. *Mit Rahineh 1955*. Philadelphia: University Museum, 1959.

ANTHES, R. et al. *Mit Rahineh 1956*. Philadelphia: University Museum, 1965.

¹⁴ Ver Leclère (2008, p. 70 - 72).

¹⁵ Para um conhecimento da Mênfis do período ptolemaico, ver Thompson (2012, p. 6 ss) e ainda Leclère (2008, p. 80 - 86).

- BUTZER, K. *Early Hydraulic Civilization in Egypt*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.
- DETLEF, F. “Theben und Memphis – Metropolen im Alten Ägypten”, 2003, In <http://www.ub.uni-heidelberg.de/archiv/3384>.
- EDWARDS, I. E. S., GADD, C. J., HAMMOND, N. G. L. (eds.). *The Cambridge Ancient History*. vol 1, Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- GIDDY, L., JEFFREYS, D. and MÁLEK, J. “Memphis, 1989” in *Journal of Egyptian Archaeology* 76. London: Egypt Exploration Society, 1990, p. 6.
- HASSAN, F. “Town and Village in Ancient Egypt: Ecology, Society and Urbanisation In SHAW, T., SINCLAIR, P., ANDAH, B. and OKPOKO, A. (eds.). *The Archaeology of Africa: Food, Metals and Towns*. London: Routledge, 1993.
- JEFFREYS, D. “Archaeological Implications of the Moving of the Nile”. *EA* 32. London: Egypt Exploration Society, 2008, pp. 6-7.
- JEFFREYS, D. “The Survey of Memphis, capital of ancient Egypt: recente developments”. *Archaeology International* (2008) 11: 41-44, DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/ai.1112>.
- JEFFREYS, D. “Perunefer: at Memphis or Avaris”. *EA* 28. London: Egypt Exploration Society, 2006, pp. 36-37.
- JEFFREYS, D. “Investigating Ancient Memphis, Pharaonic Egypt’s Northern Capital”. *Archaeology International* 3 (1999): 24 - 27. DOI: <http://doi.org/10.5334/ai.0309>.
- JEFFREYS, D. « Memphis » in BARD, K. A. (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*. London: Routledge, 1999, pp. 488-490.
- JEFFREYS, D. “Excavation and Survey East of the Saqqara-Abusir Escarpment”. *Journal of Egyptian Archaeology* 83. London: Egypt Exploration Society, 1997, pp. 2-4.
- JEFFREYS, D. *The Survey of Memphis*. I, London: Egypt Exploration Society, 1985.

- JEFFREYS, D.; GIDDY, L. "Looking for Memphis". *EA* 1. London: Egypt Exploration Society, 1991, pp. 5-8.
- JEFFREYS, D.; TAVARES, A. "The Historic Landscape of Early Dynastic Memphis". *MDAIK* 50. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 1994, pp. 143-173.
- KEES, H. *Ancient Egypt, a cultural topography*. Chicago-London: University of Chicago Press, 1977.
- KEMP, B. *Ancient Egypt: Anatomy of a Civilization*. London: Routledge, 1989.
- KEMP, B. "A Note on Stratigraphy at Memphis". *Journal of the American Research Centre in Egypt* 13. Cairo: The American Research Center in Egypt, 1976, p. 27.
- KITCHEN, K. A. *Ramsés II, le Pharaon Triomphant*. Paris: Le Rocher, 1982.
- LECLÈRE, F. "Memphis" in *Les villes de Basse Égypte au 1er millénaire av. J. - C.*. Cairo: IFAO, 2008.
- LEHNER, M. *The Complete Pyramids*. London: Thames & Hudson, 1997.
- LOPES, M. H. T. *Mênfis: o rosto de Apriés*. Lisboa: Tinta da China, 2010.
- LOVE, S. "Questioning the Location of the Old Kingdom Capital of Memphis, Egypt". *Papers from the Institute of Archaeology* 14, London: University College, 2003, pp. 70-84.
- MALEK, J. "The Temples at Memphis. Problems Highlighted by the EES Survey". In QUIRKE, S. (ed.), *The Temple in Ancient Egypt: New Discoveries and Recent Research*. London: British Museum Press, 1997.
- MARTIN, G. T. "Memphis: the status of a residence city in the Eighteenth Dynasty". In BARTA, M.; KREJCI, J. (eds.), *Abusir and Saqqara in the Year 2000*. Prague: Oriental Institute, 2000.
- PASQUALI, S. *Topographie cultuelle de Memphis 1a : Corpus. Temples et principaux quartiers de la XVIIIe dynastie*. Montpellier: 2011. <http://recherche.univ-montp3.fr/egyptologie/enim>.

SNAPE, S. “Memphis – The Shifting City”. In *The Complete Cities of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2014.

SMITH, H. S.; JEFFREYS, D. G. “A Survey of Memphis, Egypt”. In: *Antiquity LX*. Cambridge: Heffers Printers, 1986, pp. 88-95.

SPALINGER, A. J. “Egypt and Babylonia: a Survey” (c. 620 BBC- 550 BC) In *SAK 5*. Hamburg: Buske-Verlag, 1977, pp. 221-244.

THOMPSON, D. J., *Memphis Under the Ptolemies*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

VERNER, M. *The Pyramids: Their Archaeology and History*. London: Atlantic Books, 2002.